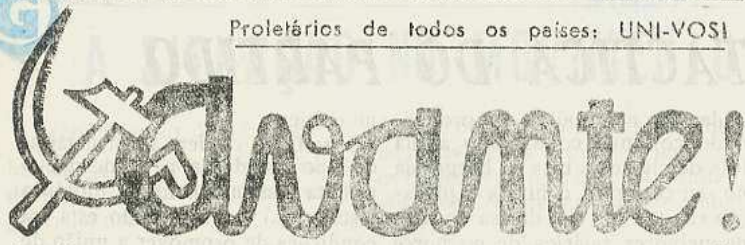


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL do Partido Comunista Português

O Comité Central do nosso Partido reuniu em Agosto último, tendo discutido e aprovado várias resoluções e documentos políticos duma grande importância para a formação ideológica dos membros do Partido, para a defesa do Partido frente à violenta repressão fascista e para uma definição actualizada da linha política e tática do Partido na luta pelo derrubamento da ditadura fascista e pela instauração dum regime democrático em Portugal.

O Comité Central discutiu e aprovou o Informe do camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, sobre a situação no movimento comunista internacional e na base deste informe aprovou um comunicado. O Comité Central discutiu e aprovou uma Resolução sobre a linha política e tática do Partido; uma Resolução sobre a defesa do Partido e uma Resolução sobre Organização.

Estes documentos que já foram amplamente divulgados na Rádio Portugal Livre, irão sendo publicados pelo Partido de acordo com as suas possibilidades técnicas e deverão ser atentamente estudados por todos os militantes e discutidos nos organismos do Partido. Deverão igualmente ser divulgados junto dos simpatizantes do Partido, assim como junto de outros democratas e das massas.

Resolução do C.C.

SOBRE A LINHA POLÍTICA E TÁTICA DO PARTIDO

A Resolução do Comité Central começa por definir o carácter monopolista do governo fascista associado ao imperialismo estrangeiro e aos latifundiários, afirmando depois que:

«O movimento nacional contra a ditadura fascista é uma larga frente anti-monopolista e anti-imperialista. A revolução por que lutamos é uma revolução democrática e uma revolução nacional.»

«Graças à política fascista, o capital financeiro (a banca ligada à grande indústria) tornou-se o senhor onnipotente da economia portuguesa. Uma dúzia de grandes monopolistas domina, no seu interesse, as actividades económicas fundamentais do país, comanda a política fascista e obtém lucros gigantescos ao preço da exploração sem limites da classe operária e da ruína das classes médias. Os grupos monopolistas portugueses encontram-se intimamente associados ao imperialismo estrangeiro, partilhando com ele as riquezas principais do país. O imperialismo estrangeiro (a Inglaterra, a Alemanha Ocidental, os Estados Unidos, a França e outros), umas vezes só, outras vezes associado aos monopolistas portugueses, domina completamente ou tem parte de leão nas minas, na electricidade, nos transportes, e nas comunicações, no petróleo, nos estaleiros navais, na siderurgia, nas indústrias metal-mecânicas e de artigos eléctricos, nas cortiças, nos tabacos, na indústria química e da borracha, nas indústrias alimentares, na cerâmica, na têxtil, no papel, etc. Esta associação é tão íntima que não se pode esperar dos grupos monopolistas portugueses qualquer posição nacional contra o imperialismo.»

E em seguida: «Alguns sectores da média burguesia procuram estabelecer um compromisso com o

imperialismo, prometendo a entrada dum Portugal libertado da Ditadura num «Mercado Comum» a troca dum auxílio político e diplomático para solução do problema político português. Uma tal orientação, que se propõe continuar a

(continua na 2.ª pág.)

A Situação NO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL — Informe de Álvaro Cunhal —

No seu informe, o camarada Álvaro Cunhal começa por afirmar que: «A situação no movimento comunista internacional tem evoluído duma forma desfavorável. A unidade é precária e existe o real perigo duma cisão.

A razão fundamental desta situação é a seguinte: o Partido Comunista da China está em desacordo com a linha geral do movimento comunista internacional adoptada unânimemente nas Conferências de Moscovo de 1957 e 1960, combate violentamente essa linha, não a segue na sua acção prática e leva a cabo uma actividade cisionista. Daí a origem das dificuldades.»

O nosso camarada afirma e demonstra a seguir como o Partido Comunista Português tem mantido em todo o debate uma posição consequente, citando vários documentos publicados pelo Partido e posições dos nossos representantes nas reuniões e conferências internacionais dos Partidos Comunistas.

Depois disto, o camarada A. Cunhal entra na análise dos problemas de fundo que separam os camaradas chineses do movimento comunista internacional.

A coexistência pacífica produto e factor do processo revolucionário mundial

Sobre este ponto, o camarada Cunhal afirma: «O movimento comunista internacional defende firmemente a coexistência pacífica entre estados com regimes sociais diferentes. O princípio leninista da coexistência pacífica é a linha geral da política externa da URSS e outros países socialistas, apoiada e defendida pelo movimento comunista internacional. Essa política é a única que serve os interesses da paz, da democracia, da independência nacional e do socialismo.»

O camarada Álvaro Cunhal analisando em seguida, longamente, o caso das ameaças do imperialismo a Cuba e os perigos da guerra termo-nuclear que nesse momento pesaram sobre toda a humanidade, presta

(continua na 3.ª pág.)

OBJECTIVOS DA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

- 1º Desairar o Estado fascista e instaurar as liberdades democráticas;
- 2º Eliminar o poder dos monopólios, nacionalizando os sectores fundamentais da economia portuguesa;
- 3º Realizar uma Reforma Agrária que entregue a terra a quem a trabalha;
- 4º Libertar a nossa Pátria do domínio imperialista estrangeiro;
- 5º Reconhecer aos povos das colónias portuguesas o direito à independência;
- 6º Realizar uma política social que garanta uma rápida elevação do nível de vida das classes trabalhadoras;
- 7º Seguir uma política externa de Paz e cooperação com todos os Estados na base da igualdade de direito.

Resolução do C.C.

SOBRE A DEFESA DO PARTIDO

Cada vez mais isolado, vivendo a crise mais grave da sua história, o governo fascista recorre ao terror: prisões em massa, torturas, condenações, assassinatos, intimidações, exhibições do aparelho repressivo. Isso não é sintoma da sua força, mas do seu isolamento e do

seu desespero. Aproxima-se o fim da ditadura fascista. Todos os militantes, todos os combatentes anti-fascistas, devem estar certos de que a vitória será sua. O aparelho do Estado fascista será destruído e a democracia será instaurada em Portugal.

O PARTIDO RESISTE À OFENSIVA VIOLENTA DA REPRESSÃO

As brigadas de assassinos e torturadores da PIDE, levam a todo o país, o crime, a

brutalidade, a desordem, a inquietação e o alarme. O alvo principal da acção da PIDE é o nosso Partido, dirigente da luta popular contra a ditadura fascista.

A PIDE dispõe de poderosos recursos técnicos, financeiros e em quadros e o seu conhecimento adquirido ao longo dos anos dos métodos de trabalho do Partido são muito largos. As forças do inimigo concentradas na luta para atingir o Partido, não se limitam porém à PIDE. Em todo o país sob a direcção da PIDE, as forças da Legião, da GNR, da PSP e em certa medida da PVT, da Guarda fiscal e da Polícia Judiciária estão voltados contra o Partido apesar de que na GNR, PSP e GP há muitos homens honrados.

A PIDE faz um largo e intenso esforço para introduzir na organização partidária provocadores. Organizam redes de informadores, paga-os e instrui-os, fornece-lhes meios financeiros e de transporte para localizarem funcionários do Partido. Em todo o país, se faz uma verdadeira «caça» aos militantes, particularmente aos funcionários, identificando em massa todos aqueles que se tornam «suspeitos», vigiando intencionalmente os meios de transporte e ruas das localidades, fazendo barragens nas estradas e caminhos, patrulhando os campos, fazendo buscas e rusgas, revistando malas e embrulhos, isolando localidades e regiões por cinturões de vigilância. Averiguações sistemáticas de ordem mais variada procuram localizar as instalações clandestinas e os meios clandestinos de acção do Partido. Nunca se assistiu a uma tão grande e violenta ofensiva do aparelho repressivo fascista.

Apesar de toda a violentíssima repressão, o Partido continua na vanguarda da classe operária e do povo português. A Direcção continua no seu posto no interior do país. O aparelho clandestino e técnico central continua em condições de conduzir e assegurar o trabalho corrente. A imprensa clandestina (central e de sectores) continua a ser publicada e difundida largamente, a agitação continua a ser feita em todo o país, a organização do Partido mantém-se à escala nacional nos centros industriais, rurais e urbanos fundamentais. O Partido mantém, e em muitos sectores, reforça a sua ligação com a classe operária e as massas populares, dirige centenas de pequenas e grandes lutas, manifestações, gre-

(continua na 4.ª pág.)

A LINHA POLÍTICA E TÁCTICA DO PARTIDO

(continuação da 1.ª pág.)

sacrificar a independência de Portugal e os interesses do povo português, não tem em conta que a própria média burguesia é impla-

cavelmente sacrificada aos interesses do capital financeiro. Na entrada de Portugal nas zonas de comércio livre só poderão estar interessados os monopólios e o imperialismo.»

Ruína da agricultura e pauperização da classe operária

Toda a política do governo fascista na agricultura tem sido e é uma política de defesa dos interesses dos latifundiários e dos grandes capitalistas (uns e outros hoje intimamente ligados ao capital financeiro) contra todos os restantes classes laboriosas dos campos. A política fascista dos preços, do mercado e do crédito, coloca numa situação afiliva a média lavoura e tem provocado a ruína e a liquidação de centenas de milhares de pequenas explorações agrícolas e a consequente proletarianização dos pequenos agricultores. O desenvolvimento do capitalismo na agricultura afilia os assalariados rurais para o desemprego

durante uma grande parte do ano. O endividamento de grande parte da lavoura representa a objectiva transferência da propriedade da terra para os bancos e usurários. Acentua-se a concentração da propriedade, que o governo procura apressar com a lei do emparcelamento. A agricultura portuguesa atravessa uma crise sem precedentes de que os latifundiários e grandes capitalistas procuram sair sacrificando ainda mais o proletariado rural e os pequenos e médios agricultores. Nas condições da ditadura fascista, a classe operária portuguesa é vítima da mais violenta exploração.

A guerra colonial

Sobre a guerra colonial, a Resolução do C.C. diz, entre outras coisas: «Dominado pelo imperialismo estrangeiro, Portugal é, ao mesmo tempo, um país colonialista. São também os monopólios associados ao imperialismo estrangeiro que exploram os povos das colónias portuguesas. O domínio colonial nêlhuns benefícios trás nem pode trazer às classes laboriosas de Portugal. O domínio colonial tem representado para o nosso país o atraso económico geral, tem facilitado o fortalecimento do poder dos monopólios e do imperialismo estrangeiro. Portugal tem recursos bastantes para uma vida independente e desafogada. O povo português e a nação portuguesa estão vitalmen-

te interessados na conquista da independência pelos povos das colónias portuguesas. «Não pode ser livre um povo que oprime outros povos».

Ante o movimento nacional libertador nas colónias portuguesas, o governo fascista ao serviço dos monopólios e do capital estrangeiro procura manter o domínio e a escravidão colonial através do terror e da guerra. Uma tal política, que fecha os olhos à realidade do mundo de hoje, sofreu um primeiro fracasso em Goa, Damão e Diu e sofrerá novos fracassos nas restantes colónias portuguesas. Nada poderá evitar a total derrota do sistema colonial».

A revolução democrática que o Partido defende

Prosseguindo, a Resolução do C. C. diz:

«Para que o derrubamento da ditadura fascista abra a via do desenvolvimento democrático do país, é necessário que seja acompanhado da liquidação da base social da ditadura, da liquidação do poder dos monopólios e dos latifundiários e da libertação de Portugal do domínio imperialista. O movimento nacional contra a ditadura fascista é um movimento anti-monopolista e anti-imperialista.

Conforme o P.C.P. tem repetidamente insistido, os objectivos políticos da revolução democrática devem ser:

- 1.º Destruir o Estado fascista e instaurar as liberdades democráticas;
- 2.º Eliminar o poder dos monopólios, nacionalizando os sectores fundamentais da economia portuguesa;
- 3.º Realizar uma Reforma Agrária que entregue a terra a quem a trabalha;
- 4.º Libertar a nossa Pátria do domínio imperialista estrangeiro;
- 5.º Reconhecer aos povos das colónias portuguesas o direito à independência;
- 6.º Realizar uma política social que garanta uma rápida elevação do nível de vida das classes trabalhadoras;
- 7.º Seguir uma política externa de paz e cooperação com todos os Estados na base da

igualdade de direito.

Tal é no fundamental, o Programa do Partido Comunista Português na actual etapa da revolução».

E continuando, a Resolução diz: «A arrumação das classes sociais indica o sistema de alianças do proletariado para a revolução democrática. Os aliados do proletariado são: o campesinato, a pequena e a média burguesia. No plano político este sistema de alianças traduz-se na unidade das forças democráticas e patrióticas, ou seja na unidade do Partido Comunista com os agrupamentos e correntes socialistas, republicanas, liberais, católicas progressistas, constituindo com elas uma ampla Frente Patriótica.

Os povos coloniais são também um aliado do proletariado e do povo português em geral. A luta dos povos das colónias portuguesas pela sua independência dirige-se neste momento contra o mesmo inimigo contra o qual luta o povo português: o governo fascista de Salazar. A luta do povo português e a luta dos povos das colónias portuguesas constituem uma importantíssima ajuda recíproca.

A formação duma larga frente em que participem o proletariado, o campesinato e a pequena e média burguesia não elimina as contradições dos interesses destas várias classes sociais especialmente entre o proletariado e a burguesia. Ao mesmo tempo que conduz, junto dos seus aliados, a luta contra o

poder dos monopólios, o proletariado continua conduzindo a sua luta de classe contra a burguesia no seu conjunto, contra a exploração capitalista, em defesa do pão, de melhores salários, de melhores condições de vida.

Prosseguindo, o Comité Central do nosso Partido afirma: «De todas as classes que participam no movimento democrático nacional, só o proletariado está em condições de lutar consequentemente até ao fim por todos os objectivos políticos fundamentais da revolução de-

A unidade das forças democráticas e patrióticas

Tratando do problema da unidade a Resolução diz a seguir:

«A unidade das forças democráticas e patrióticas deve assentar na unidade da classe operária e na aliança da classe operária com o campesinato.

Dada a inexistência de partidos operários, além do Partido Comunista e de sindicatos livres, a unidade da classe operária realiza-se não por acordos entre partidos ou outras organizações, mas na luta em defesa dos interesses imediatos da classe operária e na luta política contra a ditadura fascista e pelas liberdades. São expressões da unidade da classe operária os mais diversos organismos de unidade (legais, semi-legais ou ilegais) como Comissões de Unidade, Comissões Sindicais, Comissões de Classe e outras.

A aliança da classe operária com o campesinato realiza-se pelo desenvolvimento da luta económica e política das classes camponesas pelos seus interesses vitais e contra a ditadura fascista. É também expressão da aliança a acção unitária do Partido Comunista e de dirigentes democráticos que, embora muitas

mocrática.

Este facto confere ao proletariado e ao Partido um papel de relevo na luta nacional contra a ditadura fascista. Só o proletariado está em condições de promover a união de todas as classes e camadas anti-monopolistas, de lhes dar um espírito organizador e um impulso revolucionário.

Não é possível uma revolução democrática em Portugal sem a participação determinante do proletariado.

vezes tidos por representantes da intelectualidade, representam social e politicamente certas camadas do campesinato».

Prosseguindo, afirma: «É na luta diária contra a política do governo em todos os seus aspectos e na luta política aberta contra a ditadura fascista que se consolida, se fortalece, se desenvolve a unidade das forças democráticas e patrióticas».

E depois: «A Frente Patriótica é um largo movimento em que participam as principais correntes políticas anti-fascistas. O fortalecimento e consolidação da Frente Patriótica exige conversações, consultas, acordos e entendimentos entre os diversos agrupamentos democráticos.

É tarefa das forças democráticas e patrióticas unidas criar organizações de unidade em todos os sectores da população incluindo os militares e desencadear amplas acções políticas, preparando assim as condições necessárias para derrubar o governo fascista. O objectivo fundamental da Frente Patriótica é o derrubamento do governo fascista e a instauração dum regime democrático».

O caminho a seguir

Definindo o caminho a seguir para o derrubamento do fascismo, a Resolução diz:

«Dado que o Estado fascista é ainda um Estado forte, centralizado e militarista, onde não existem quaisquer liberdades e que reprime com violência todas as reclamações democráticas e populares torna-se necessário o recurso à força para derrubar o governo fascista e levar ao poder um governo provisório que tome as medidas imediatas necessárias para a liquidação do Estado fascista, instaura as liberdades democráticas fundamentais, convoque eleições livres para uma Assembleia Constituinte.

O caminho não pacífico que se oferece ao povo português para se libertar da ditadura fascista não é nem um golpe militar, nem acções terroristas.

As depurações sucessivas nas forças armadas, ao longo de 37 anos de ditadura, os critérios de selecção da oficialidade, a intensa espionagem militar, tornam extremamente difícil a acção dos oficiais democráticos. Não é de esperar que golpes militares de âmbito local possam por contágio levar a um levantamento militar generalizado. Não há que contar com a espontaneidade

nas acções revolucionárias de militares. Golpes militares precipitados têm levado e podem de novo levar à liquidação de organizações revolucionárias nas forças armadas e ao consequente enfraquecimento do movimento anti-fascista.

O terrorismo individual ou de grupos de «acção directa» (atentados, sabotagem, etc.) favorece por um lado a ideia de que o derrubamento da ditadura pode resultar da acção dum pequeno número de homens decididos e tende por isso a afastar as massas da luta. Por outro lado, faz recuar camadas menos politizadas, facilita e dá pretexto à repressão ainda mais violenta e pode levar à liquidação, sem utilidade, de corajosos combatentes de vanguarda.

Deve levar-se a cabo uma persistente e firme trabalho de esclarecimento contra as tendências golpistas e terroristas.

O caminho que se oferece ao povo português para derrubar a ditadura fascista é o levantamento nacional, a insurreição popular. Para que o levantamento nacional anti-fascista possa ser vitorioso é indispensável a participação e neutralização de parte importante das forças armadas.

(continua na 4.ª pág.)

A SITUAÇÃO NO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

A variedade dos caminhos para o socialismo

(continuação da 1.ª pág.)

homenagem à justiça e sabedoria da política Soviética nessa emergência, e declara:

«Tal como o nosso Partido, a maioria esmagadora dos partidos irmãos tomaram uma posição justa nesses dias perigosos para a paz mundial.

Não agiram assim os nossos camaradas chineses. Nesse momento crítico, em que o dever de todos os comunistas do mundo e de todas as pessoas amantes da paz era cerrarem fileiras em torno da União Soviética e em auxílio do povo cubano, os nossos camaradas chineses lançaram uma violenta campanha contra a política do governo soviético. Eles acusaram a União Soviética dum política «aventureirista» colocando os foguetões em Cuba, e dum política «capitulacionista» dispondo-se a retirá-los.»

A seguir o nosso camarada diz: «O tempo passou e os factos desmentiram a opinião e os prognósticos dos camaradas chineses. Reconhecem-nos eles? não, camaradas. Contra a evidência dos factos, continuam a manter que a sua posição foi justa, a única justa, e insistem nas acusações à União Soviética.»

E mais adiante, o camarada Álvaro Cunhal afirma:

«A posição do P. C. da China contra a política de coexistência pacífica adquiriu recentemente aspectos mais chocantes, quando da assinatura em 25 de Julho, do acordo para a suspensão das experiências nucleares, na atmosfera, no espaço cósmico e debaixo de água. Ninguém pretende que um tal acordo resolve todos os problemas das armas termo-nucleares. É apenas um passo. Mas um passo que diminui a tensão internacional, que facilita posteriores negociações, que abre caminho para entrar a corrida aos armamentos, que dificulta a

difusão de armas atómicas por numerosos países e procura impedir os maiores perigos que daí resultariam, certamente, para a paz mundial.»

«A coexistência pacífica — continua o nosso camarada — é um produto do desenvolvimento do processo revolucionário mundial, porque a coexistência pacífica só é possível graças às vitórias históricas da classe operária internacional, graças ao poder económico e militar da sua principal criação e fortaleza — o sistema socialista mundial, — graças ao desenvolvimento vitorioso do movimento nacional libertador. Se não fossem tais vitórias, não seria possível conter os planos agressivos do imperialismo.

A coexistência pacífica é um factor do desenvolvimento de todo o processo revolucionário mundial, porque nas condições de coexistência pacífica, prossegue vitoriosamente a construção do comunismo e do socialismo, torna-se cada vez mais poderosa e influente a grande criação e fortaleza da classe operária internacional que é o campo socialista, desequilibram-se cada vez mais as forças mundiais em favor do socialismo e desenvolve-se favoravelmente a luta da classe operária nos países capitalistas contra a reacção, contra o fascismo, pela democracia e o socialismo e a luta dos povos ainda submetidos ao jugo colonial pela sua independência. Nas condições de coexistência pacífica triunfaram no mundo revoluções proletárias, o sistema socialista mundial tornou-se um factor decisivo na evolução social, libertaram-se e libertam-se do jugo imperialista numerosas nações e, dirigido pelos seus partidos marxistas leninistas, o movimento operário nos países capitalistas conhece grandes progressos. A coexistência pacífica abre o caminho mais curto e menos custoso para o triunfo do comunismo à escala mundial.»

SOBRE O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Álvaro Cunhal, analisando os vários aspectos da luta de libertação nacional, afirma no seu informe:

«A coexistência pacífica é altamente vantajosa à luta de libertação nacional. Por um lado, porque, na consolidação da independência dos estados recém-constituídos, representa um papel de primeiro plano a ajuda económica e técnica do campo socialista. — ajuda que está intimamente ligada aos êxitos do campo socialista na competição económica com o capitalismo nas condições da coexistência pacífica.

Por outro lado, porque a coexistência pacífica dificulta as acções armadas e a presença armada do imperialismo nos países libertados ou naqueles que ainda o não foram, porque possibilita em alguns casos a conquista da independência sem a necessidade de guerras de libertação, e, porque, quando estas se tornam necessárias, facilita a vitória. A política de coexistência pacífica e a luta pela paz não só não sacrificam os movimentos de libertação

nacional como favorecem o seu desenvolvimento vitorioso. A coexistência pacífica e a luta pela paz são também um terreno de aproximação, cooperação, unidade, dos movimentos de libertação nacional com o campo socialista e a classe operária de todo o mundo.

É o camarada Álvaro Cunhal continua: «Não o entendem assim os dirigentes do PC da China. Os camaradas chineses levam a cabo uma política e uma propaganda tendentes a isolar o movimento nacional libertador do campo socialista e do movimento operário internacional. Perante os povos recém-libertados e aqueles que lutam pela sua libertação, eles acusam a URSS e outros países socialistas de os abandonarem, desprezarem e pretenderem conter a sua luta; de não quererem lutar contra o imperialismo; de sacrificarem as revoluções libertadoras ao medo da guerra; de pretenderem com a luta pelo desarmamento desarmar os povos que lutam pela sua independência.»

Num longo capítulo do seu informe, o camarada Álvaro Cunhal analisa a variedade dos caminhos para o socialismo e as divergências dos camaradas chineses com a linha do movimento comunista internacional sobre esta questão, afirmando a certa altura:

«Quando se diz que o sistema socialista mundial se tornou o factor decisivo da evolução da sociedade humana, que a contração principal do mundo actual é entre o socialismo e o imperialismo, que a competição entre os dois sistemas se deve e pode decidir a favor do socialismo sem uma guerra mundial, isto não significa pois que, desequilibrada um pouco mais a balança das forças mundiais a favor do socialismo, por todo o lado os imperialistas começaram a entregar o poder numa bandeja à classe operária.

Significa sim, que, na medida em que as forças do socialismo ganhem supremacia sobre as do imperialismo, em cada país capitalista se agudizará a luta de classes, se desenvolverá mais rapidamente o processo revolucionário, se criarão condições favoráveis para a conquista do poder pelo proletariado. Os êxilos do campo socialista enfraquecem as posições das classes dominantes nos países capitalistas e atraem à luta pelo socialismo amplas camadas da população. Mas não decidem por um processo automático a transformação social

nesses países. É a classe operária guiada pela sua vanguarda, o Partido Comunista, e às massas populares que cabe em cada país a tarefa de derrubar a ditadura da burguesia e instaurar a ditadura do proletariado.

Entretanto, as formas de passagem, do capitalismo ao socialismo não serão necessariamente idênticas nos vários países. Elas dependem por um lado da conjuntura internacional, e por outro lado em cada país, do grau de desenvolvimento do capitalismo, do tipo do estado da burguesia, da intensidade da sua resistência ao ascenso do movimento revolucionário, da correlação de forças das várias classes sociais, do sistema de alianças, da maturidade política e da organização da classe operária e da sua vanguarda. Cabe a cada Partido Comunista analisar as condições objectivas e subjectivas concretas existentes no seu país e, na base dos princípios do marxismo-leninismo, definir de acordo com elas a sua orientação política e tática.»

E Álvaro Cunhal prossegue: «A teoria da revolução socialista não consiste na reprodução e repetição de textos, de olhos fechados para a realidade da vida. A teoria da revolução tem que ter em conta as transformações que se têm dado e continuarão a dar-se no mundo, e saber encontrar resposta a novos problemas, e saber aproveitar novas possibilidades.»

A necessidade dum disciplina comunista internacional

A este propósito, o camarada Álvaro Cunhal afirma:

«Subscrivendo a Declaração dos 81 partidos, o Partido Comunista Português tomou perante o movimento comunista internacional a obrigação de observar a linha geral do movimento comunista internacional definida nessa Declaração e assim o temos sempre feito. Não diminuímos essa obrigação a independência do nosso Partido. Não, em nada diminuímos a independência do nosso Partido. Pelo contrário. A linha geral do movimento comunista, que representa o resultado da experiência e trabalho ideológico criador do movimento comunista internacional, ajuda o PCP a fazer uma análise justa da situação política portuguesa e a definir, com completa independência, a sua linha política e tática.

Dada a complexidade dos problemas em discussão, é inevitável que num ou noutro haja diferentes pontos de vista entre os vários partidos irmãos. Todos os partidos irmãos têm completo direito a expor os seus pontos de vista sobre todos os problemas interessando o movimento comunista internacional, a discordar de qualquer outro partido, a fazer sugestões e propostas sobre a orientação geral comum. É de desejar que se chegue sempre a uma unanimidade de vistas. Mas se não se chegar? Nesse caso, se uma solução pode garantir a unidade, que os partidos cujos pontos de vista não foram partilhados pelo conjunto do movimento comunista, respeitem, nas questões essenciais de interesse comum, os pontos de vista da maioria.»

E mais adiante o informe diz: «Os nossos camaradas chineses não estão de acordo com o critério maioritário no movimento comunista internacional. E, como a maioria esmagadora dos partidos irmãos não aceita as suas concepções, acusam essa maioria de querer impôr a sua vontade à minoria. Pergunhamos nós: E quem dá ao PC da China o direito de querer impôr a sua vontade a todo o movimento comunista?»

Em seguida, o camarada Álvaro Cunhal afirma: «É evidente que os comunistas,

cujas opiniões não é perflhada pela maioria cuidam sempre que têm a verdade e o razão por si. Mas se, por um lado, admitissemos o princípio de que quando a minoria tem a verdade e a razão, ela pode fazer guerra à maioria e desrespeitar as suas decisões e, por outro lado, admitíssemos que é a própria minoria que decide quem tem a verdade e a razão, a que nos conduziria isso? Conduziria à desordem e ao caos nas fileiras comunistas, o aniquilamento dos partidos do proletariado.»

Continuando este assunto, o informe esclarece:

«Os nossos camaradas chineses não se limitam a divergir do movimento comunista internacional no seu conjunto. Eles não se limitam a fazer propostas ou sugestões. Eles não se limitam a fazer intensa propaganda em todo o mundo das suas erradas concepções contrárias à linha geral do movimento comunista internacional. Não se limitam a levar o dissídio a organizações democráticas internacionais. Os nossos camaradas vão bastante mais longe. Vão excessivamente longe.

Afirmam-se, com os albaneses, e mais alguns poucos, os únicos verdadeiros marxistas leninistas e acusam em primeiro lugar o P. C. U. S. e depois a maioria esmagadora dos partidos comunistas de terem traído a causa da classe operária, de não lutarem contra o imperialismo, de no fim de contas se terem transformado em partidos reformistas de ideologia social-democrata. Os nossos camaradas chineses, tendo se por únicos portadores da verdade, sentem-se autorizados a fazer violentas campanhas contra partidos irmãos, a principiar pelo P. C. U. S., e a levar a cabo uma acção fraccionista e cisionista no movimento comunista internacional.»

Mais adiante o camarada Álvaro Cunhal afirma que por todas estas posições erróneas e sectárias dos camaradas chineses, o dogmatismo tornou-se o principal perigo da hora presente e prossegue:

Ombro com ombro com o partido de Lênine

Nesta parte do seu informe, o camarada Cunhal presta uma justa homenagem ao papel do Partido Comunista da União Soviética, ao Partido que «desbravando caminhos desconhecidos, pela primeira vez na história da humanidade edificou um regime socialista, pôdo fim à exploração e opressão e ganhando pela força do exemplo milhões de homens para a causa do socialismo.»

Sobre a eminente acção do P. C. U. S. na actual etapa histórica do movimento comunista internacional, diz o camarada Álvaro Cunhal:

«Sem dúvida que, na elaboração da linha geral do movimento comunista internacional, o P. C. U. S. teve um destacado papel. As resoluções do XXº e XXIIº Congresso do P. C. U. S. foram seguidas por todos os

partidos irmãos como uma decisiva contribuição para a orientação do movimento comunista. O «Programa do P. C. U. S.» aprovado no XXIIº Congresso, porque enuncia com clareza luminosa a actual situação mundial em conformidade com os princípios das Declarações das Conferências dos Partidos Irmãos de 1957 e 1960; porque sintetiza, não apenas a riquíssima experiência do P. C. U. S., mas a experiência de todo o movimento comunista internacional e porque dela tira conclusões teóricas fundamentais; porque enriquece ideologicamente cada Partido Comunista o lhe facilita a tarefa de definir com independência uma linha política e tática correcta; foi justamente chamado «O Manifesto Comunista da nossa época.»

(continua na 4.ª pág.)



A LINHA POLÍTICA E TÁCTICA DO PARTIDO

(continuação da 2.ª pág.)

O levantamento nacional, a insurreição popular, só pode ser vitoriosa numa situação de crise revolucionária, ou seja, quando as forças do governo fascista, rotas por contradições e dissídios não estiverem mais em condições de resistir ao ascenso do movimento democrático e quando o movimento democrático pela sua organização e pela disposição e decisão das massas que nele participam, estiver em condições de se lançar ao assalto do poder.

Depois de alertar quanto à possibilidade de surgirem manobras da parte dos grupos monopolistas e do imperialismo para, em último caso, manterem no poder um fascismo sem Salazar que promova mudanças aparentes, o C. C. diz que: «As forças democráticas, a classe operária e o povo português, devem estar prevenidos contra tais manobras e prontos a responder a elas com acções decididas para a realização das reivindicações fundamentais da revolução democrática».

E mais adiante continua: «Com vistas ao apressamento da eclosão duma crise revolucionária e da criação das condições subjectivas que permitam lançar com êxito a insurreição popular, as tarefas fundamentais das forças democráticas são: unirem-se, organizarem-se e desenvolverem a luta popular de massas. Só a luta popular de massas pode conduzir a uma insurreição popular vitoriosa».

Para o desenvolvimento da luta popular de massas e do movimento democrático em geral, é fundamental a associação da actividade legal e ilegal. Ao mesmo tempo que se impõe o fortalecimento da actividade clandestina, impõe-se a intensificação das actividades legais e semi-legais.

Proseguindo, a Resolução afirma: «O trabalho ilegal e particularmente necessário no que respeita à organização nas forças armadas, impõe-se a criação nas forças armadas de sólidas organizações revolucionárias, estreitamente clandestinas e adoptando em toda a sua actividade um rigoroso secretismo».

E mais adiante: «Apesar das muito grandes dificuldades, é de insistir nos esforços para criar movimentos legais e semi-legais da Oposição, para aproveitar quaisquer «eleições» fascistas com vistas a realizar amplas acções políticas de massas, para levar por diante constantes lutas políticas, mesmo de âmbito limitado como abaixo-assinados, comemorações de datas históricas, etc. É de insistir também num trabalho progressista dentro das organizações legais de massas (Sindicatos nacionais, Casas do Povo e dos Pescadores, associações escolares, clubes recreativos e desportivos, sociedades culturais, cooperativas, etc.) Aproveitando essas organizações para

a ampliação da luta popular de massas nos mais variados aspectos.»

O papel da juventude

Referindo-se ao papel da juventude na luta anti fascista, o C. C. afirma:

«Tem vindo a acentuar-se nos últimos anos a importância da participação da juventude no movimento nacional contra a ditadura fascista. Deve prosseguir-se a organização legal e ilegal da juventude trabalhadora e estudantil, as acções mais diversas em defesa dos seus interesses vitais (salários, aprendizagem, condições de trabalho, instrução, vida associativa nas universidades e outras escolas, etc.), a sua activa participação na luta política».

A luta contra a guerra colonial, embora seja tarefa de todo o povo português, é dos aspectos centrais da luta da juventude contra a ditadura fascista. São de insistir as deserções colectivas e as acções de protesto e resistência dos soldados contra a mobilização e a partida para a guerra. São também de encorajar acções que visem atingir directamente a máquina militar colonialista».

As formas de luta

A concluir, a Resolução do C. C. diz: «Com a crescente politização das massas populares a luta política aberta contra a ditadura fascista tem adquirido expressões cada vez mais elevadas, dedicando-se pela sua grandiosidade e significado, as manifestações de rua. Apesar da violenta repressão, é possível e urgente impulsionar as lutas políticas de massas pelas liberdades democráticas, contra o terror fascista e pela amnistia, etc.»

As lutas políticas podem tomar formas diversas (reclamações, manifestações, etc.) e ser legais, semi-legais ou ilegais. Para que as lutas políticas possam desenvolver-se com sucesso, impõe-se que a animação e dirigidas exista uma forte organização.

No decurso do desenvolvimento do movimento popular (greves, manifestações, etc.) é de encorajar a organização de acções de novo tipo, para defesa e auto-defesa das organizações democráticas e das massas, para agitação em larga escala, para dificultar direcções a guerra colonial, etc.

A intensificação da luta política e económica das massas populares enriquece o regime fascista e fortalece e prepara as forças democráticas para lutas decisivas. É através das lutas de massas e da organização, que se preparam as condições subjectivas para o levantamento nacional, para a insurreição popular.

ves, movimentos reivindicativos, etc. Só um forte Partido, profundamente enraizado na classe operária e no povo, bem organizado, com larga experiência do trabalho clandestino, com quadros firmes e profundamente dedicados, poderá conseguir tais êxitos nas condições da violenta e desesperada ofensiva do aparelho repressivo fascista.

GOLPES GRAVES, E AS DEFICIÊNCIAS QUE REVELAM

Apesar porém destes êxitos, as forças repressivas fascistas têm conseguido assentar duros golpes no aparelho clandestino e nas organizações do Partido. Desde 1957 foram presos cerca de 100 funcionários do Partido. Apesar de que, pelo trabalho do Partido, o pelo coragem dos seus militantes, dezenas de camaradas presos conseguiram evadir-se das prisões fascistas e voltar à luta, estes golpes desfalcarão gravemente os quadros mais experimentados do Partido.

Recentemente, desde o princípio do ano até agora, o inimigo conseguiu atingir por três vezes os quadros de funcionários prendendo no total 19 funcionários do Partido (entre os quais o camarada Bianqui Teixeira, membro do Comité Central e 9 com tarefas de organização), assaltando 10 casas clandestinas do Partido e privando o Partido de importantes recursos materiais. Diversas organizações locais e de empresa foram atingidas com a prisão de centenas de membros do Partido.

Estes golpes atingem gravemente o Partido, afectam o trabalho de direcção e a sua continuidade, a força e segurança do aparelho clandestino central, o desenvolvimento da organização e da condução das lutas populares. Afectam assim todo o trabalho do Partido e dificultam que este cumpra a sua tarefa central: ter um papel determinante no desenvolvimento da luta nacional contra a ditadura fascista até à instauração dum regime democrático em Portugal.

Os golpes sofridos desde Janeiro, mostram que muitas deficiências na defesa do Partido (umas lá muito caracterizadas, ou-

tras que agora melhor se revelam) continuam a verificar-se: deficiências nos processos de defesa do aparelho central, no trabalho conspirativo em geral, no estabelecimento duma disciplina de ferro, no trabalho de organização, na luta contra a provocação e a traição, na política de quadros.

A resolução do C.C. insiste seguidamente na necessidade do Partido melhorar os seus métodos de defesa e de acção. É vindica também a necessidade dum melhor trabalho conspirativo e a exigência duma rigorosa compartimentação das tarefas do Partido.

No que se refere ao porte dos comunistas, a resolução diz:

«A virtude suprema dos comunistas é a dedicação, isto é, a firmeza perante o inimigo, o espírito de sacrifício, a entrega do melhor de sua vida à luta pela vitória do comunismo. Aqueles que fraquejam perante o inimigo, aqueles que denunciam ao inimigo camaradas seus e processos de trabalho do Partido, são seres desprezíveis, indignos não só do nome de comunistas que um dia tiveram mas também do convívio com quaisquer pessoas honradas».

«Alguns traidores puderam atingir tão gravemente o Partido porque conheciam mais do que era necessário que conheciam, porque o trabalho estava mal organizado, porque não se respeitou a compartimentação e o secretismo. Daí a necessidade de limitar, por medidas de organização, por métodos de trabalho conspirativo, pela disciplina, os estragos possíveis que eventuais traidores podem provocar».

A traição é o acto mais abjecto dum militante do Partido. Todo aquele que denuncia os seus camaradas deve ser considerado (na prisão ou em liberdade) do convívio de todas as pessoas honradas, incluindo as famílias respectivas».

TORNAR O PARTIDO UMA FORTALEZA INEXPUGNÁVEL

Há 37 anos o Partido Comunista Português luta nas difíceis condições de lan-

A Situação

DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

(continuação da 3.ª pág.)

Os dirigentes do Partido Comunista da China não aceitam um tal reconhecimento pelo movimento comunista internacional da contribuição do P. C. da União Soviética, da sua autoridade e do seu prestígio. A direcção fundamental da sua propaganda é contra o Partido de Lénine. E não apenas discordam e discutem, discordam e discutem é um direito de todos os partidos irmãos. Não, camaradas. Os dirigentes do P. C. da China não se limitam a isso. Eles levam a mão hostil e ofensiva, difamam e caluniam.»

E a concluir este problema, Álvaro Cunhal diz:

«Os dirigentes chineses têm falado em «maioria provisória» e «minoria provisória» no movimento comunista internacional, procuram minar o prestígio do P.C.U.S. e procuram apresentar-se como os campeões do marxismo-leninismo. O nosso Partido, na grande família mundial dos partidos comunistas, é o Partido Comunista dum pequeno país. Mas, porque os partidos são iguais em direitos, temos também todo o direito de dizer aos dirigentes do grande P. C. da China: «Não tentais insultos, camaradas. Não ganhareis o movimento comunista internacional para as vossas concepções dogmáticas e sectárias. A grande família de partidos irmãos, independentes, soberanos e iguais, continuará marchando ombro com ombro com o Partido de Lénine. O movimento comunista internacional continuará a erguer bem alto o estandarte do marxismo-leninismo».

Tudo fazer em defesa da Unidade

Proseguindo o seu informe afirma: «Sem ignorar as tremendas dificuldades que se oferecem, sem ignorar a profundidade das divergências e a gravidade da situação, pensamos que tudo deve ser feito para fazer a unidade do movimento comunista internacional. A primeira condição para se darem passos positivos é manter sempre bem vivo no nosso espírito tudo quanto uma os partidos comunistas, por muito distanciados que neste momento estejam nas suas opiniões e actividade, por muito graves que sejam as suas divergências e os seus conflitos. Todos, todos os comunistas do mundo, querem pôr fim ao

imperialismo, à exploração das classes trabalhadoras, à opressão dumas nações por outras nações. Todos, todos os comunistas do mundo, lutamos por um mundo novo e melhor, um mundo de Paz, de liberdade, de abundância, lutamos pelo triunfo do comunismo à escala mundial. Por isso continuamos pensando que aquilo que sempre uniu, une e unirá os comunistas é incomparavelmente superior aquilo que hoje temporariamente os separa.

Discordamos dos nossos camaradas chineses, criticamos a sua orientação e acção, mas continuamos a considerar o P. C. da China como um partido irmão do nosso, um grande e glorioso partido dum grande e glorioso povo.»

«O P.C. da China diz Álvaro Cunhal — que dirige a obra grandiosa da construção do socialismo no país cuja população é um quinto da população humana. Quaisquer que sejam os erros que lhes atribuímos, são irmãos da grande família comunista, que está transformando a face da terra. Os nossos sentimentos fraternais para com os nossos camaradas chineses são superiores à mágoa e à indignação, que a sua acção em nós provoca.»

Um pouco mais adiante, o informe esclarece: «As divergências são tão profundas que demorará longo tempo a restabelecer a unidade ideológica no movimento comunista. Até lá, se queremos evitar uma cisão, cujos prejuízos seriam incalculáveis para o movimento comunista internacional, é necessário encontrar a forma de impedir uma maior deterioração das relações entre os partidos irmãos».

E continuando: «Como a situação continua a deteriorar-se perigosamente, consideramos que seria de encorajar a realização o mais breve possível duma Conferência de todos os partidos Comunistas e Operários, onde, além do debate dos problemas ideológicos, fossem fixadas normas relativas às relações entre os partidos irmãos».

Concluindo o seu informe, o nosso camarada diz:

«São graves as divergências existentes no movimento comunista internacional. Não serão vencidas num curto prazo, mas acabarão por ser vencidas. A unidade acabará por ser restabelecida na base do marxismo-leninismo. No campo socialista como nos países capitalistas os partidos comunistas obterão novos êxitos e vitórias. Nada poderá impedir o triunfo do comunismo à escala mundial».

SOBRE A DEFESA DO PARTIDO

(continuação da 1.ª pág.)

tes, movimentos reivindicativos, etc. Só um forte Partido, profundamente enraizado na classe operária e no povo, bem organizado, com larga experiência do trabalho clandestino, com quadros firmes e profundamente dedicados, poderá conseguir tais êxitos nas condições da violenta e desesperada ofensiva do aparelho repressivo fascista.

GOLPES GRAVES, E AS DEFICIÊNCIAS QUE REVELAM

Apesar porém destes êxitos, as forças repressivas fascistas têm conseguido assentar duros golpes no aparelho clandestino e nas organizações do Partido. Desde 1957 foram presos cerca de 100 funcionários do Partido. Apesar de que, pelo trabalho do Partido, o pelo coragem dos seus militantes, dezenas de camaradas presos conseguiram evadir-se das prisões fascistas e voltar à luta, estes golpes desfalcarão gravemente os quadros mais experimentados do Partido.

Recentemente, desde o princípio do ano até agora, o inimigo conseguiu atingir por três vezes os quadros de funcionários prendendo no total 19 funcionários do Partido (entre os quais o camarada Bianqui Teixeira, membro do Comité Central e 9 com tarefas de organização), assaltando 10 casas clandestinas do Partido e privando o Partido de importantes recursos materiais. Diversas organizações locais e de empresa foram atingidas com a prisão de centenas de membros do Partido.

Estes golpes atingem gravemente o Partido, afectam o trabalho de direcção e a sua continuidade, a força e segurança do aparelho clandestino central, o desenvolvimento da organização e da condução das lutas populares. Afectam assim todo o trabalho do Partido e dificultam que este cumpra a sua tarefa central: ter um papel determinante no desenvolvimento da luta nacional contra a ditadura fascista até à instauração dum regime democrático em Portugal.

Os golpes sofridos desde Janeiro, mostram que muitas deficiências na defesa do Partido (umas lá muito caracterizadas, ou-

tras que agora melhor se revelam) continuam a verificar-se: deficiências nos processos de defesa do aparelho central, no trabalho conspirativo em geral, no estabelecimento duma disciplina de ferro, no trabalho de organização, na luta contra a provocação e a traição, na política de quadros.

A resolução do C.C. insiste seguidamente na necessidade do Partido melhorar os seus métodos de defesa e de acção. É vindica também a necessidade dum melhor trabalho conspirativo e a exigência duma rigorosa compartimentação das tarefas do Partido.

No que se refere ao porte dos comunistas, a resolução diz:

«A virtude suprema dos comunistas é a dedicação, isto é, a firmeza perante o inimigo, o espírito de sacrifício, a entrega do melhor de sua vida à luta pela vitória do comunismo. Aqueles que fraquejam perante o inimigo, aqueles que denunciam ao inimigo camaradas seus e processos de trabalho do Partido, são seres desprezíveis, indignos não só do nome de comunistas que um dia tiveram mas também do convívio com quaisquer pessoas honradas».

«Alguns traidores puderam atingir tão gravemente o Partido porque conheciam mais do que era necessário que conheciam, porque o trabalho estava mal organizado, porque não se respeitou a compartimentação e o secretismo. Daí a necessidade de limitar, por medidas de organização, por métodos de trabalho conspirativo, pela disciplina, os estragos possíveis que eventuais traidores podem provocar».

A traição é o acto mais abjecto dum militante do Partido. Todo aquele que denuncia os seus camaradas deve ser considerado (na prisão ou em liberdade) do convívio de todas as pessoas honradas, incluindo as famílias respectivas».

TORNAR O PARTIDO UMA FORTALEZA INEXPUGNÁVEL

Há 37 anos o Partido Comunista Português luta nas difíceis condições de lan-

destinidade impostas pela ditadura fascista. Lançando ferozes ofensivas policiais, o governo anunciou numerosas vezes o seu propósito de destruir o Partido. Mas o Partido não foi nem poderá ser destruído. A causa da vontade, do espírito revolucionário dos sacrifícios dos seus militantes, sofrendo pesadas perdas, o Partido desenvolveu-se, engrandeceu-se, tornou-se a grande força política que hoje é. Nas condições duma ditadura fascista, duras batalhas não se podem travar sem perdas. Os comunistas terão que fazer grandes sacrifícios. Muitos cairão ainda nas mãos do inimigo, serão torturados, talvez assassinados. Baixos não se poderão certamente evitar. Mas pode e deve-se defender melhor todo o Partido e os seus quadros.

Para a sua defesa, o Partido não está só. O Partido conta com o apoio da classe operária e das massas populares, a que está ligado todo o seu desenvolvimento. Esse apoio sente-se na defesa diária do Partido. Trabalhadores sem partido tem prevenido militantes clandestinos da aproximação da acção do inimigo e tem ajudado em muitos casos a libertar-se camaradas no momento da prisão ou fugidos das prisões. O povo português confia ao Partido. Para a sua defesa, o Partido deve confiar ainda mais no povo. A ajuda do povo português à defesa do Partido deve estimular-se, organizar-se, intensificar-se.

Os comunistas não temem as dificuldades. Encabeçando as lutas populares, aceitando todas as privações e jogando a vida na clandestinidade, enfrentando quando presos a polícia, o tribunal e os cárceres, os comunistas cumprem com honra o seu dever. Não há torturas da PIDE que façam falir um comunista (fel ao seu Partido, como mostram os exemplos de muitos e muitos militantes, uns que hoje lutam em liberdade nas primeiras fileiras do Partido, outros que se encontram presos como Manuel Rodrigues da Silva, Joaquim Pires Jorge, Fernando Bianqui Teixeira, António Dias Lourenço, Oclávio Pato, Manuel Guedes, Sofia Ferreira, Carlos Costa,

Américo de Sousa, José Magro, Carlos Aboim Inglês, Aida Nogueira, Afonso Gregório, José Victoriano, Fernanda Tomas, Aida Paula, Carlos Brito, José Carlos, Jorge Araújo, Guilherme Carvalho, Mário Sena Lopes, Júlio Martins, José Pacheco, Ivone Lourenço, Augusto Lindolfo, Colélia Fernandes, Albina Fernandes, Julieta Gândara, Joaquim Carneira, Orlando Ramos, Maria Piedade Gomes, João Honrado, Adolfo Ramos, José Rolim, José Bernardino, Albertina Diogo, Natália David, Adeline Pereira da Silva, Joaquim Velez, Agostinho Saboga, António Santo, Severiano Falcão, Manuel Rodrigues, Luiz Nogueira, António Lima, Armando Norte.

O Partido Comunista Português tem razões para se sentir orgulhoso pela tradição de coragem, dedicação e heroísmo dos seus quadros, que passou fronteiras e é conhecida e apreciada em todo o mundo. A história do Partido está cheia de exemplos de homens e mulheres, que entregaram a sua vida e tudo sacrificaram à luta pela democracia e o socialismo. Torturados com selvageria, muitos até à morte, passando a maior parte da sua vida nas prisões ou evadindo-se corajosamente, enfrentando o inimigo com alívio e confiança sempre na vitória inevitável da nossa grande causa, milhares de comunistas (homens e mulheres, jovens e velhos) souberam e sabem erguer bem alto a bandeira do Partido, e mereceram e merecem a estima e o respeito do Partido e do Povo. Honra e glória aos mártires e heróis! Honra e glória ao nosso Partido que os educou e forjou!

O Partido vencerá todas as dificuldades e, prosseguindo o seu glorioso caminho, conduzirá o povo português à conquista da Democracia e do Socialismo.